

A bola

Marçano nasceu 35 anos antes da Revolução de Abril. Aos dez anos era já um exímio conhecedor das ruas de Lisboa. Não se sabe bem como, mas era também o dono de uma bola de couro. Teria sido uma oferta de um jogador de futebol do Benfica. Para o grupo de miúdos que se divertia diariamente a jogar futebol num descampado, isso pouco importava. A bola era do Marçano. A alcunha ganhou-a por fazer aquilo que fazia quase diariamente. A mãe tinha vindo da Beira Alta para servir em casa de uma família abastada. Morreu quando ele tinha oito anos. Farto de ser maltratado pelos “padrinhos”, Marçano fugiu de casa e da escola. Aos 9 anos arranjou trabalho. Acomodadas numa caixa de madeira, que apoiava num dos ombros, levava as compras a casa das clientes das mercearias para quem trabalhava. Os patrões e as freguesas sustentavam-lhe a vida com gorjetas. Ao anoitecer, sabia qual o melhor local para dormir sem ser perturbado pela polícia. Marçano era livre. Como ele havia outros com quem partilhava a sorte e a comida que arranjava. À noite, eram menos. Ficavam apenas os que não tinham casa para morar nem família para procurar. Ninguém pensava nisso. Talvez os mais pequenos. A família, agora, era aquela. As noites frias eram passadas à espera de que o dia nascesse para partilharem, no descampado, a alegria do jogo e da camaradagem.

O meu avô conheceu Marçano num desses jogos. As balizas eram definidas por pedras bem alinhadas. As equipas escolhidas à vez pelos respetivos capitães. Tiravam à sorte quem jogava em tronco nu. Não havia árbitro. Este era substituído pelo bom senso e pela justiça do grupo. Funcionava. No final, continuavam amigos. Era necessário que assim fosse para que amanhã o jogo prosseguisse. Importante era também a bola de couro de Marçano. Ninguém queria jogar com uma bola feita de trapos. A bola estava ao serviço da comunidade. Marçano garantia isso. Nas vidas simples, as pequenas coisas fazem a diferença. A bola era um tesouro partilhado por todos.

Certo dia, Marçano apareceu com a bola, mas não quis jogar. Sentia-se mal. Durante uma semana foi consumido pela febre. Do grupo, ninguém o abandonou. A comida não faltou, só o apetite. Numa cama feita com cartões e jornais, agarrado à bola, Marçano tremia de frio, mas tinha o coração quente. Amanhã já estou bom!

Marçano morreu na madrugada do dia 25 de abril de 1951. Tinha 12 anos. Morreu com a esperança de conhecer um tempo em que nenhuma criança tivesse de viver nestas condições. Naquele mesmo dia, numa singela homenagem, todos levaram a bola para o campo em que tinham brincado nos últimos anos. Ninguém jogou. Decidiram que a bola devia continuar a fazer companhia a Marçano. Abdicar daquele tesouro era uma prova de gratidão e de respeito pelo amigo. E assim aconteceu.

Vinte e três anos mais tarde, o meu avô passou a ter mais um motivo para recordar esta data.